



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após Painel de Alto Nível da 12ª Reunião da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – Unctad

Acra-Gana, 21 de abril de 2008

Jornalista: Vamos começar falando a respeito de África, que é onde o senhor está. O senhor falou de Moçambique, onde vai ser instalada a fábrica de retrovirais e da presença da Fiocruz. O que mais vai ser feito por aqui, para que a África esteja cada vez mais próxima do Brasil, para que essa política que o senhor está desenvolvendo fique mais forte e possa progredir, independente dos países desenvolvidos?

Presidente: Olha, eu estou aqui com o meu amigo Kufuor, presidente de Gana. Aqui, nós estamos assinando acordo para a construção de uma usina para produzir 150 milhões de litros de etanol por ano, para vender para a Suécia. Aqui, nós estamos discutindo acordos para produzir duas hidrelétricas financiadas pelo BNDES. A grande novidade, eu acho que o que vai causar uma revolução em Gana é a sede da Embrapa aqui, para prestar assistência tecnológica para os companheiros de Gana. E para outros países, também, nós temos muitas parcerias.

Por isso, estou convencido de que o Banco Mundial, que o FMI, e que os bancos de investimentos precisam mudar o seu comportamento com relação à África, porque senão fica um círculo vicioso: não cresce porque não tem investimento, não tem investimento porque tem dívida, não tem crédito e, portanto, fica tudo como está.

O que nós precisamos, concretamente, é o seguinte: se nós quisermos que a África cresça precisamos investir, por exemplo, em energia. A garantia pode ser a própria empresa. Tendo energia vai ter empresa. É preciso



incentivar a agricultura, e que os países ricos comprem a agricultura para que eles possam se sentir motivados a produzir mais.

Nós temos uma obrigação, no caso do Brasil, uma obrigação política, ética, moral, histórica, cultural, com a África. Portanto, nós estamos fazendo aquilo que é preciso fazer.

Jornalista: Fora isso, para que os brasileiros entendam, o que isso pode significar para o Brasil?

Presidente: Veja, eu acabei de dizer no meu discurso, agora: a balança comercial entre o Brasil e o continente africano já supera os 20 bilhões de dólares e é deficitário para o Brasil. Numa demonstração de que o Brasil está dando a sua contribuição. E nós esperamos que quanto mais cresça a África, mais vai aumentar essa balança comercial com o Brasil, com a Europa, com os Estados Unidos, com o Japão. Porque é isso, as pessoas crescem economicamente, viram consumidores, vão ter que produzir mais, e eu acho que quem ganha é todo mundo.

Jornalista: O Brasil perdeu na guerra de informação, no mundo, em relação a essa questão do etanol. É isso que o senhor está tentando reverter?

Presidente: Primeiro, a batalha nem começou. Ainda estamos na fase das estratégias intelectuais, ou seja, científicas. Eu acho que é uma guerra que o mundo vai ganhar, não é o Brasil. O Brasil é apenas o espelho mais forte do que pode acontecer com o biodiesel no mundo.

Jornalista: Quando o senhor falou do milho, o senhor já mandou um recado para quem tira o etanol do milho?



Presidente: Não, é porque nós achamos, desde o começo, que produzir biocombustíveis de alguma coisa que sirva de alimento para ração animal ou para a raça humana não é prudente. Senão, você vai encarecer o preço do porco, o preço do frango. Então, não compensa. É importante procurar outra oleaginosa. E é o que nós estamos fazendo.

Jornalista: Presidente, o senhor vai ligar hoje para o Lugo?

Presidente: Não, eu já mandei um telegrama para o Lugo. Quando chegar em casa...

Jornalista: O que o senhor achou da vitória dele, mais esquerdista?

Presidente: Eu achei importante. Não é esquerdista. Veja, primeiro nós temos que valorizar as pessoas que são eleitas com o resultado da democracia. O Lugo pelejou faz tempo, batalhou muito tempo. Ele venceu uma eleição muito disputada, reconhecida já por todos os outros candidatos. Eu acho que todo mundo já reconheceu, os organismos internacionais que estavam fiscalizando concordaram com a lisura da eleição.

O que ganhou, na verdade, no Paraguai? A democracia. A democracia ganhou e o Paraguai, certamente, vai consolidar cada vez mais o seu processo democrático. É importante lembrar que no Paraguai tinha partido que governava há 60 ou 70 anos. Houve um câmbio, e esse câmbio, se foi vontade do povo, merece todo o meu respeito.

Jornalista: Presidente, e com relação a Itaipu?

Presidente: Veja, a questão de Itaipu, nós temos um tratado, e o tratado vai se manter.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Mas eu não posso comentar uma declaração de alguém...

Jornalista: Mas não vai mudar o tratado, então?

Presidente: Não, veja, não muda o tratado. Não muda o tratado. O Brasil tem constantes reuniões com o Paraguai. Nesses cinco anos de governo eu tive, acho, umas 20 reuniões com o Paraguai, sobre vários temas, não é apenas a questão de Itaipu, é a questão da nossa fronteira, que é muito grande, envolve vários estados, é a questão da Ciudad del Leste, questão de investimentos. Portanto, nós temos muito, muito, muito para continuar conversando com o Paraguai. E vamos conversar.

Jornalista: Não pode acontecer a mesma coisa que a Bolívia?

Presidente: Não aconteceu nada com a Bolívia. Não aconteceu nada!

Jornalista: Teve um monte de problemas.

Presidente: Aconteceu aquilo que eles entenderam que era importante para eles. E o Brasil, como maior economia, tem que estar sempre aberto a fazer com que as coisas tenham tratamento de paz na América do Sul. Esse é o meu papel.

Jornalista: Berlusconi, da Itália, ajuda ou atrapalha em alguma coisa?

Presidente: Portanto, eu vou aproveitar vocês, se o Lugo, hoje, vir a televisão



brasileira, quero dizer para o Lugo: “Parabéns pela vitória”.

Jornalista: Presidente, e Berlusconi, na Itália, vai ajudar no caso do etanol, ou vai atrapalhar?

Presidente: O mesmo que eu disse do Lugo, eu disse do Berlusconi: se o povo italiano votou no Berlusconi, eu acho que a democracia deu um passo.

(\$31EGJLQ)